



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO / PGFILE**

**MARIA CLAUDIA COUTINHO HENRIQUE**

**A EDUCAÇÃO À LUZ DO PENSAMENTO DE MARX E ENGELS: uma visão  
panorâmica**

**CAMPINA GRANDE  
2019**

**MARIA CLAUDIA COUTINHO HENRIQUE**

**A EDUCAÇÃO À LUZ DO PENSAMENTO DE MARX E ENGELS: uma visão  
panorâmica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.  
Área de concentração: Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

**CAMPINA GRANDE  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

H519e Henrique, Maria Claudia Coutinho.  
A educação à luz do pensamento de Marx e Engels [manuscrito] : uma visão panorâmica / Maria Claudia Coutinho Henrique. - 2019.  
26 p.  
Digitado.  
Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira , Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."  
1. Marxismo. 2. Educação. 3. Processos educativos. 4. Emancipação humana. I. Título  
21. ed. CDD 335.4

MARIA CLÁUDIA COUTINHO HENRIQUE

**A EDUCAÇÃO À LUZ DO PENSAMENTO DE MARX E ENGELS: uma visão  
panorâmica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

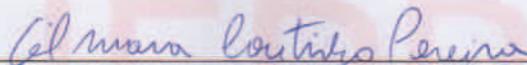
Área de concentração: Filosofia.

Aprovada em: 11/03/2019.

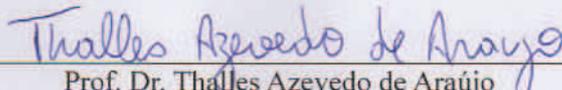
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos educadores que me tomaram pela  
mão, me trouxeram até aqui e me  
fizeram ir em frente. Dedico

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha família, em especial ao meu companheiro Hélio Henrique o qual, com paciência e compreensão esteve ao meu lado nesse processo.

Ao meu orientador Valmir Pereira sem o qual eu não teria chagado muito longe no meu sonho de estudar Filosofia da Educação. Sem o seu incentivo ajuda e puxões de orelha, não teria o conhecimento que tenho hoje, nem o amor pela educação que aprendi com ele. Obrigada pela paciência, pela orientação e a grande ajuda. Muito obrigada.

Aos colegas da Especialização em espacial Rafaella, Renato e Acácio, que sempre estiveram ao meu lado apoiando, ajudando ou simplesmente rindo junto. Foram amigos que a vida e a filosofia me trouxeram e não deixarei pelo caminho.

Obrigada também e não menos importante a todos os professores que fizeram parte dessa caminhada, que foi difícil, mas imensamente enriquecedora.

Por fim, agradeço a todos os que, a sua maneira, torceram por mim, incentivando e apoiando. Obrigada.

“Marx significa a entrada da  
inteligência na história da humanidade,  
significa o reino da consciência”.  
Antônio Gramsci

## SUMÁRIO

Resumo .....	7
1. Introdução .....	8
2. A educação e os processos educativos .....	9
3. Considerações finais .....	24
Abstract .....	25
Referências .....	26

## **A EDUCAÇÃO À LUZ DO PENSAMENTO DE MARX E ENGELS: uma visão panorâmica**

Maria Claudia Coutinho Henrique<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo discutir de forma introdutória, a concepção de educação no pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels, bem como apresentar processos educativos desenvolvidos pela humanidade e que, geram a alienação das classes subalternas, pois, a educação está a serviço das classes que detêm o poder do capital. Marx e Engels não desenvolveram nenhum escrito específico voltado para a educação, mas, é possível observar sua preocupação com o tema no decorrer de toda sua obra. O ponto mais importante é lembrar que, a educação sofreu várias mudanças através do tempo, assim como os homens, os processos educacionais e a escola mudou, transformou-se para se adequar não só a época, mas também a imagem de homem que cada período histórico necessitou. Para tanto, desenvolvemos aqui, um breve apanhado histórico da educação e seus processos para a formação do homem, além da instituição escolar como uma forma de emancipar esse homem para que ele tenha um desenvolvimento verdadeiramente pleno e voltado para transformar a sociedade em um lugar melhor. A escola não escapou das críticas dos pensadores marxistas nem do próprio Marx e de socialistas utópicos. A escola é vista, para esses autores como uma forma de reprodução do modo de vida da burguesia que é, afinal, quem domina os meios de produção, não só materiais, mas também intelectuais uma vez que, determina o currículo e as atividades desenvolvidas nessa instituição. O trabalhador, é, o foco dos escritos de Marx sobre educação e ensino, desse modo é impossível separar a formação do trabalhador da formação do cidadão, pois estes são um. Nesse sentido, buscamos demonstrar que, a preocupação de Marx bem como de outros autores que seguem seu pensamento, é de que o homem se torne emancipado em todos os aspectos de suas vidas. Para tanto buscamos demonstrar que, a mudanças na educação fazem parte do processo de desenvolvimento das sociedades e que, é possível fazer com que, esta seja a ferramenta pela qual, os indivíduos possam transformar a sociedade burguesa capitalista pautada no egoísmo e na exploração do mais fraco, em uma sociedade igualitária, de indivíduos conscientes de si, emancipados e com condições de lutar por um mundo melhor.

**Palavras-chave:** Marxismo. Educação. Processos educativos. Emancipação.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UFMG) da Universidade Federal de Campina Grande (UFG). Graduada em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atualmente faz parte do projeto de pesquisa intitulado: A Política Educacional do Estado da Paraíba para a Educação Básica (2011-2018): Pressupostos, Diretrizes, Programas e Ações. Desenvolvido no âmbito do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Política Educacional (LEPPE) e vinculado à Linha de Pesquisa História, Política e Gestão Educacionais do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG (PPGE/UFMG).

## 1. INTRODUÇÃO

A educação é tema de discussões e debates em todas as sociedades desde a antiguidade, seja ela institucionalizada, seja ela informal, há por parte de educadores e filósofos uma clara preocupação com o tema. As discussões sobre essa questão surgem da necessidade de se desenvolver um sistema educativo eficiente que consiga suprir as necessidades educacionais das sociedades em determinados momentos históricos. Tais debates levantam sempre os questionamentos de como se deve educar, bem como a preocupação com a figura do educador. Na antiguidade o educador era visto como espiritualizado e inteiramente ligado a vida ativa do indivíduo, reconhecendo-lhes qualidades e finalidades que vão além daqueles que são peculiares do “mestre-docente”. Esse aspecto que em seguida (mas já a partir de Platão) se constituirá próprio não só dos pedagogos, mas também dos filósofos educadores e dos pensadores da educação que precisam iluminar não só os processos, mas os fins do ato de educar (CAMBI, 1999).

A educação, bem como os processos educativos se modificou no decorrer da história, assim como tudo o que diz respeito ao homem. As vezes evoluindo, as vezes dando passos para trás. Não é novidade que se promovam encontros, seminários e congressos que discutam os temas do processo educativo, da relação ensino e aprendizagem entre outros pertinentes a estes, tanto voltados para a dimensão político-social quanto em âmbito acadêmico em várias partes do mundo. Os encontros e debates voltados para a educação e ensino geralmente visam “melhorias” para as sociedades como um todo.

Desse modo, o processo educativo em toda sua dimensão, busca desenvolver uma imagem de homem a ser seguida pelas sociedades, uma imagem ideal que se adéque a determinada época. Por isso, o desenvolvimento dessa imagem a ser seguida está inteiramente ligada a assimilação e apropriação dos bens culturais determinados pela humanidade em sua coletividade. Assim, a educação que recebemos, seja ela informal ou institucionalizada, se destina a nos encaixar nas perspectivas do meio social em que vivemos. É nesse sentido que as sociedades transmitem, de geração para geração, por meio da educação, seus valores, costumes e moral, seja por meio da escola ou então por meio de outras instituições desenvolvidas pelas sociedades como por exemplo a família, a Igreja, etc. A esse respeito, Monasta (2010, p. 32) afirma que “a escola, a formação profissional, a educação de adultos, e a universidade podem ser apenas uma fachada,

[...] sendo que a maioria das ações que produzem “persuasão permanente” ocorrem nos bastidores, à margem do sistema educativo formal”.

Exatamente por isso a instituição escolar sofreu inúmeras mudanças desde seu surgimento, nos países socialmente mais desenvolvidos, países industrializados, e seu papel social escola foi centralizando-se e passando a ser mais capazes de se harmonizar com as transformações sociais das sociedades. Essa adequação se deu, não só através das reformas estruturais, mas também de todo o processo educativo em seu interior. Mesmo que essas reformas mostrem-se, aparentemente, a reboque de pressões que aparentam ser pouco orgânicas, porém articulada politicamente.

Apesar da educação e o processo educativo serem tão antigos quanto a humanidade, nosso objetivo nestas linhas é discutir a visão marxiana de educação e ensino que desenvolveram, a nosso ver, uma visão mais emancipadora da educação e sua função.

## **2. A educação e os processos educativos**

O século XVI foi marcado por rupturas, rebeliões e transformações com profundas contradições nos campos político, cultural, social e religioso. Foi o século em que a Modernidade começou a tomar forma, e por isso o domínio da natureza, o individualismo, a secularização são características próprias dessa época bem como a afirmação da burguesia, do mercado, da economia e do Estado Moderno. Segundo Cambi (1999, p. 243) o século seguinte colocou todas essas características como estrutura de uma época histórica. Ainda no andamento do século XVI o velho e o novo defrontam-se

a dimensão antropocêntrica do humanismo ainda é central, embora o sentido de liberdade e de inovação se tenha tornado mais radical e mais geral. O “retorno dos antigos” é tido doravante como uma aquisição definitiva (pense-se em Maquiavel ou em Montaigne e no uso sistemático contínuo, “normal” dos clássicos antigos como guias intelectuais e morais). Agora, a “leitura” dos clássicos “torna-se estímulo para uma criação nova, estética” e não mais imitação (Garin). A atenção à natureza, ao macrocosmo, à sua ordem e à sua riqueza, torna-se agora mais técnica, mais minuciosa, mais científica: metodologicamente mais autônoma e mais consciente do primado da observação e da educação, assim como metafisicamente mais ousada, apoiada doravante por uma filosofia da natureza que expande seus limites e exalta sua liberdade. (CAMBI, 1999, p. 244)

Nesse contexto, a cidade ideal é substituída pela análise da cidade real, com o engajamento num governo que se fundamente *iuxta propria principia* (ajusta aos próprios princípios),

como teorizaram Maquiavel e Guicciardini (CAMBI, 1999, p. 244). Esse intrincado processo também interfere intensamente na educação e na pedagogia.

A partir do século XVII deu-se início ao grande período de emancipação do passado. O ideal humanista literário é superado voltando-se para a realidade do próprio mundo e a tradição é rechaçada e lançada ao passado emancipando o homem. O processo educativo vai pelo mesmo caminho, tomando para si a realidade que exige conhecimento das coisas antes mesmo do conhecimento das palavras. A imagem-ideal, baseada nesse processo educativo rejeita a memorização e o ensino verbal, antes, concede força hegemônica à intuição direta da realidade, insistindo na simplicidade do ensino. Assim,

Em vez de falar em latim, valoriza-se a língua materna e as Ciências Naturais, como também a educação Física. Exige-se novo tipo de educação para enfrentar as necessidades do mercantilismo. Criam-se novos ideais de educação em termos de classe social e de profissão (GILES, 1983, p. 73).

Desse modo, o conhecimento verdadeiro só se dará quando as coisas forem reconhecidas tais como são em sua realidade. Assim, o novo processo de ensino é realista e pautado fortemente na Natureza. No século XVII as ideias racionalistas e empiristas, associadas ao renascimento científico influenciaram cada vez mais vários pedagogos e estudiosos da educação a se interessarem pelo método do realismo na educação. O destaque estava na busca de métodos diferenciados para tornar a educação mais agradável e ao mesmo tempo eficaz na vida prática. Para Marx, a ação do homem o leva a verdade, pois

A questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva [gegenständliche Wahrheit] não é uma questão de teoria, mas uma questão *prática*. É na prática que o homem tem que provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza interior [Diesseitigkeit] de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade do pensamento – que é isolado da prática – é uma questão puramente escolástica (MARX, 2007, p. 533).

O realismo privilegia a experiência, as coisas do mundo e pensar os problemas da época. A educação realista contestava a educação antiga, demasiadamente formal bem como retórica, preferindo o rigor das ciências da natureza, que buscava superar a tendência literária e estática própria do humanismo renascentista (ARANHA, 2006, p. 155). O realismo lançado aos processos

educativos faz-se sentir imediatamente na elaboração de novas formas de educação sendo destinada a cada classe social o processo educativo apropriado às suas necessidades. A Igreja fazia parte do apoio a esses sistemas, uma vez que apoiava a utilização deles para incutir nos súditos a obediência aos superiores afirmando-lhes que essa era a vontade de Deus, incentivando-os a aceitar tais situações como condição para uma vida melhor após a morte, no reino dos céus.

Na primeira metade do século XIX uma forma de produção se estabeleceu, o capitalismo, e com ele uma classe social denominada burguesia. Em seus primeiros anos, o capitalismo trouxe intrínseco a si a falta de atenção às necessidades nos campos da educação e do ensino, aliada as péssimas condições da classe trabalhadora tanto no mundo do trabalho quanto na esfera pessoal e de suas relações sociais, e, para agravar toda a situação, aliava-se a essas condições, os trabalhos feminino e infantil, o que piorava profundamente a situação precária da classe proletária. Desse modo, a educação e o ensino acabaram por se tornar o centro da atenção de alguns estudiosos.

Apesar dos propósitos de ascensão da humanidade que são próprios da educação, há uma série de críticas aos processos educativos até então estabelecidos. A principal questão levantada por essas críticas é se, algum desses processos, em algum momento, alcançou seus objetivos ou se, de alguma forma será capaz de fazê-lo. No plano ideal, houveram tentativas de alçar a um melhor nível de existência, ao menos alguns grupos determinados da humanidade, através do processo educativo. Porém, observa-se que, a maior parte da humanidade não teve essa oportunidade e vem sendo lançada para uma situação cada vez mais desumana (GILES, 1983, p. 93).

Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895), baseiam sua crítica ao processo educativo em critérios de classe, fazendo um questionamento radical ao suposto caráter objetivo e imparcial de todo o processo educativo existente pois, para eles, cada processo tem sua explicação baseada na economia dominada pela burguesia, a classe exploradora.

A divisão do trabalho causou a divisão do próprio homem e por consequência dividiu suas potencialidades físicas e intelectuais que foram sacrificadas em benefício do aprimoramento da atividade econômica. Essa divisão do trabalho acarreta também na separação do processo educativo da vida dos produtores, e ele passa para a superestrutura e é monopolizado pela classe dominante (GILES, 1983, p. 94). A classe burguesa já foi revolucionária, mas se degenerou, tornando-se contrarrevolucionária, a sua direção do Estado, bem como a cultura, sua justiça e a direção da produção foram progressivas e úteis, mas se perderam. Desse modo,

Uma sociedade, cuja condição essencial consiste em produzir, por um lado, a miséria, e por outro, a riqueza, produz necessariamente também, por um lado, a civilização e, por outro a ignorância – os professores e os escritores “produzem” as luzes, mas também o obscurantismo (GILES, 1983, p. 94).

Assim, uma vez que está estabelecida a separação entre saber e trabalho que é resultado da divisão deste, estão lançadas as bases do mercantilismo. Os ricos que detêm os recursos materiais e intelectuais de toda a sociedade, enganam a massa de pobres, com a ilusão de uma educação igualitária para todos. O processo educativo pode ser vendido e por consequência pode ser comprado, sendo um meio de extorsão e opressão nas mãos do capitalista, é esfera reservada para a elite e dessa forma não pode se colocar acima das categorias alienantes que as determinaram.

Os capitalistas que na verdade são aqueles que detêm a posse dos meios de produção, e além da terra, o capital, a tecnologia que representam as condições basilares para que a natureza possa ser transformada e isso inclui os meios de educar. E do outro lado estão os trabalhadores, que participam do processo de produção dos bens, mas que detêm apenas a força de trabalho, que não possui a terra e não possui o capital. Então, o capitalismo precisa da matéria prima, precisa do capital e precisa da força de trabalho. Qualificar essa mão de obra aos moldes do capitalismo é imprescindível para a manutenção dessa classe.

As imagens de homem baseadas no capitalismo, são apenas idealização do próprio capital que se fundamenta na divisão do trabalho que acorrenta o indivíduo na sua especificação e não-especificação. Os educadores são os responsáveis, em grande medida, para a perpetuação de tais modelos de homem, permanecendo assim, um padrão a ser seguido por toda sociedade, o que atende as necessidades do capital. Desse modo, Giles (1983, p. 94-95) afirma que,

O corpo especializado de educadores – os professores que transmitem o “saber” de geração em geração, para o reproduzir, conservando-o – tira o que há de melhor no saber e na sensibilidade que emana das massas, enquanto essas permanecem incultas. Pela força do dinheiro, a classe dominante apropria-se das superestruturas intelectuais de toda a sociedade, e representa-as. Monopoliza a cultura do passado, do presente e mesmo do futuro – se não houver quem se lhe opuser.

Isso nos mostra a apropriação dos meios não só educativos, mas também dos meios culturais, que são, os que perpetuam as coisas como estão. Não havendo oposição, a classe dominante permanece reproduzindo e perpetuando seu modo de vida e de dominação. Não se

trata de valorizar méritos individuais como parece ser a pretensão desse sistema, mas sim, de manter funcionando os mecanismos sociais da divisão do trabalho. Os mais abastados socialmente são também os que tem acesso aos meios de uma educação superior, tornando-se a gama de “intelectuais” que, escravizam e exploram as massas menos instruídas. O processo educativo é inerente ao homem, portanto, inseparável da sociedade, sua aplicação e desenvolvimento ao processo produtivo do capital, da produção material desse processo não depende das capacidades ou conhecimentos dos indivíduos em particular ou do operário singular.

A aplicação do processo educativo ao processo de produção material independe da capacidade e dos conhecimentos do operário tomado individualmente pois, o processo educativo é produto intelectual intrínseco a sociedade. Disso decorre que todos os processos educativos bem, como as ciências e as técnicas são parte da superestrutura da divisão de classes introduzida na sociedade por meio do capitalismo e assim, todos os meios são empregados para que a educação passe a atender as necessidades da classe dominante.

No que diz respeito às inúmeras tentativas de reformas, podemos observar que não é a vontade de promover a humanidade que impele o capital a apadrinhar melhorias nos processos educativos, mas sua sede ávida para o lucro. Manipula-se o processo educativo, tanto formal quanto informal, para fazer com que ele consiga maiores possibilidades de exploração, de apropriação do trabalho do outro. Desse modo, o próprio processo educativo é a forma esclerosada e distraída do saber. Dissimula e amortece todos os sistemas (GILES, 1983, p. 95). Para que haja uma mudança real nos processos educativos é necessário que ocorra uma revolução nas condições materiais que são formadoras da base de todas as manifestações intelectuais da sociedade. Nesse preciso sentido,

Só quando foram eliminadas as condições objetivas econômicas: a propriedade privada, o capital, o salário, o dinheiro e o mercado, desaparecerá o processo educativo atual e surgirá uma nova imagem-ideal de homem, radicalmente nova e, seu pensamento, na sua sensibilidade e nas suas aspirações. É neste momento que a humanidade terá finalmente saído da pré-história (GILES, 1983, p. 95).

Há nessa discussão uma variedade de imagens-ideais de homem a serem desenvolvidas pelos processos educativos e suas reformas, mas, todas elas têm em comum o domínio de uma classe sobre outra, pois, a classe dominante dos meios de produção material, domina, por consequência os meios de produção intelectual. Desse modo, os pensamentos da classe

dominante não ultrapassam a expressão das relações materiais predominantes com fins de uso e exploração. Nas sociedades modernas, a verdadeira Inteligência é o domínio do capital, o dinheiro e o lucro. Como a inteligência é dinheiro, o conhecimento compra-se e vende-se como é praxe nos processos educativos de apologia da ideologia da classe dominante.

Para Marx e Engels, dentro das demandas da dialética materialista, é necessário que surja, uma nova maneira de educar, em que o indivíduo se desenvolva em uma forma humana superior, livre de todas as barreiras concebidas pela divisão do trabalho, do jugo do dinheiro, da divisão de classe e até mesmo do próprio Estado, e não apenas em sua particularidade e singularidade que até então se desenvolvia. Assim,

O próprio proletariado se tornará humano, não porque se eleva da matéria ao espírito, como no processo educativo atual, mas porque o indivíduo se terá identificado com a espécie, com o gênero e com toda a humanidade, para se expandir integralmente em todos os sentidos (GILES, 1983, p. 96).

Decorre daí o caráter emancipador do processo educativo marxiano. Marx e Engels tomam como fato irrefutável que a classe proletária traz em si a cultura do futuro. Porém, a plena educação das massas só pode ser atingida quando não existirem mais sociedades divididas em classes, o que se daria por meio de uma revolução, não apenas social, mas também cultural e intelectual. Na sociedade capitalista, quem dita as regras é a classe burguesa, a elite supostamente esclarecida aponta as normas a serem seguidas restando às massas segui-las sem questionamentos. O proletariado seria a classe que poderia mudar tudo isso. A educação das vastas massas, segundo Marx, só poderia ocorrer em uma sociedade em que não existisse a divisão de classes.

Numa situação como essas não há lugar para a liberdade de pensamento tão pregada pela burguesia em sua revolução pois, esta liberdade busca apenas instruir os indivíduos com base no monopólio “científico” de uma parte mínima da sociedade cujos ideais representam seus próprios interesses econômicos prementes, em contraposição a uma abundante massa que não pode proclamar a sua verdade por incumbência das condições materiais de que dispõem. Afinal de contas, trata-se de um processo que sempre apoia os dominadores e mistifica as massas, embora pretenda estar acima de todas as classes (GILES, 1983, p. 97).

A consolidação e as condições de exploração apoiadas no sistema capitalista, não só econômico, mas também educativo, bloqueiam o desenvolvimento de uma consciência de classe

por parte da massa de trabalhadores. As condições de trabalho em si, e a exploração generalizada das classes subalternas, tem um peso enorme no espírito do operário pois, enfraquecem e os estupidificam,

No evoluir da produção capitalista desenvolve-se uma classe de trabalhadores que, por educação, tradição e hábito, reconhece as exigências desse modo de produção como leis naturais e evidentes por si mesmas. A organização do processo capitalista de produção desenvolvido quebra toda a resistência; a constante geração de uma superpopulação relativa mantém a lei da oferta e da demanda de trabalho, e, portanto, o salário, nos trilhos convenientes às necessidades de valorização do capital; a coerção muda exercida pelas relações econômicas sela o domínio do capitalista sobre o trabalhador (MARX, 2013, p 808).

Nesse sentido, a escola, que é aparelho ideológico da classe dominante incute preconceitos às crianças pois, suas verdades são ilusórias para o operário, uma vez que são os ideais da classe dominante.

Podemos dizer que a educação é um fenômeno próprio do homem, desse modo para entender a educação e sua natureza precisamos passar pela compreensão da natureza do próprio homem. Mas, o que diferencia o homem dos outros seres vivos? Dermeval Saviani, em seu livro *Pedagogia histórico-crítica* responde a essa questão, afirmando que, os outros animais, têm na natureza a garantia de sua sobrevivência de forma natural adaptando-se a ela, o homem pelo contrário, apesar de depender da natureza, precisa modificá-la para assim extrair dela os meios de subsistência,

Para tanto, em lugar de se adaptar a natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. E isto é feito pelo trabalho. E o trabalho instaura-se a partir do momento em que seu agente antecipa mentalmente a finalidade da ação. Consequentemente, o trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidades. É, pois, uma ação intencional (SAVIANI, 2011, p.11).

Assim, para sobreviver o homem tem a necessidade de tirar da natureza, de forma intencional e ativa, os meios para sua sobrevivência, e assim tem início o processo de transformação da natureza. Essa transformação é responsável pela criação do mundo humano e portanto, o mundo da cultura humana. Ao afirmarmos que a educação é um fenômeno próprio do homem, significa afirmar que ela é, em grande medida, uma premissa para o processo de trabalho,

sendo ela mesma, um processo do desenvolvimento do trabalho.

Desse modo, a produção da existência humana bem como todos os processos que perpassam essa produção demanda, antes de tudo, a salvaguarda da sua subsistência material e a conseguinte produção, em escalas cada vez maiores e complexas, e a isso se dá o nome de “trabalho material” (SAVIANI, 2011, p. 12). Para produzir “materialmente, o homem tem a necessidade de antecipar idealmente os objetivos de sua ação, ou seja, o homem representa, mentalmente, objetivos a serem realizados. Tal representação contém o reconhecimento das propriedades das coisas no mundo real. A representação nesse sentido, sendo preocupações diretas e explícitas do homem, são determinadas como “trabalho não material”. Desse modo, Saviani (2011, p. 12) afirma que

Trata-se aqui da produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Numa palavra, trata-se da produção do saber, seja do saber sobre natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana. Obviamente, a educação situa-se nessa categoria do trabalho não material.

Aqui, faz-se necessário determinar que a educação se situa numa atividade em que o objeto não se separa do ato de produzir, o ato de produção e de consumo do conhecimento são inseparáveis. A educação não está reduzida, dessa maneira, ao ensino, porém, ensino é educação e dessa maneira o ensino participa da natureza do homem. Assim, o ato de ensinar, está intimamente ligado ao ato de aprender, pois, seja em uma sala de aula ou no mundo do trabalho, a educação é produzida e consumida ao mesmo tempo, por quem ensina e por quem aprende. A educação é, a apropriação e assimilação dos bens culturais ou materiais produzidos historicamente pelo homem, bem como a produção de novas formas para a sobrevivência deste na natureza. Sendo o ensino, parte essencial do processo educativo, podemos dizer que, a educação escolar é um braço desse processo.

Desde a década de 1945 até os dias atuais, a escola caracterizou-se, em vários países, por vários pontos. Cambi (1999, p. 625) destaca tais pontos sinalizando seus crescimentos no sentido social, pela função da escola exercida na ordem democrática, pelas fortes tensões reformadoras bem como seu papel no desenvolvimento econômico. Desse modo, a escola colocou-se em torno das problemáticas estruturais citadas, se reestabelecendo e se modificando, muitas vezes tendo em vista à volta da ordem de condutas conservadoras e neoliberais. O desenvolvimento social da instituição escolar outorgou-se por meio da alfabetização de massa, da adoção de um papel de

suposta mobilidade social bem como na obrigatoriedade escolar. Assim,

Foi só no segundo pós-guerra que as massas em quase toda a Europa tiveram acesso concreto à escola até a pré-adolescência, assimilando comportamentos cognitivos, informações e habilidades que as introduziram a pleno título na história e vida dos vários países, tornando-as sujeitos também politicamente mais ativos e responsáveis (CAMBI, 1999, p. 626).

Destarte, o povo se tornou personagem principal, elevado em cidadania pois a formação escolar propicia a elevação social dos indivíduos em uma sociedade cada vez maior e em desenvolvimento constante dos meios de produção. O papel da escola é, sobretudo, nessas sociedades, produzir um desenvolvimento socioeconômico com uma mão de obra cada vez mais aculturada e incentivando a profissionalização para o desenvolvimento de trabalhos cada vez mais mecânicos e alienados.

A escola torna-se, nesse sentido cada vez mais profissionalizante, visto que deve atender a demanda do mercado de absorver especialistas em várias áreas da produção. Assim, viu-se na obrigatoriedade da escolarização (entenda-se aqui alfabetização), a maneira pela qual a indústria, bem como outros meios de exploração, a suposta melhoria da força de trabalho, o que deve garantir a adequação dessa força aos novos modos de produção. Tendo em vista que, a educação e o ensino é, como foi dito, uma forma dos indivíduos de se apropriarem da cultura produzida pela sociedade a fim de desenvolver sua inteligência, a escola além desse papel, tem a incumbência de formar profissionais para suprir as necessidades do mercado de trabalho.

Podemos dizer, porém, que essas duas instâncias são conflitantes e nutrem debates sobre a atuação da escola na educação e formação dos indivíduos. Alguns autores alegam que a escola é, em grande medida, parte fundamental da reprodução do modo de vida da sociedade capitalista. Porém, o filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937), afirma que, para além da função reprodutora da escola, ela

pode ser, em certa medida, transformadora, sempre que possa proporcionar as classes subalternas, os meios iniciais para que, após uma longa trajetória de conscientização e luta, se organizem e se tornem capazes de “governar” aqueles que os governam. [...] a escola deve ser “capaz” de levar os indivíduos das mais diferentes classes sociais, sobretudo das classes subalternas, a uma condição de esclarecimento e de conhecimento de seus direitos (MOCHCOVITCH, 1992, p. 7).

O pensamento desse filósofo compromete-se com a mudança da sociedade. Seu olhar para a escola é que esta, além de lançar o conformismo e a concordância, pode ser um forte aparelho de esclarecimento da sociedade, contribuindo assim para a ascensão verdadeira das classes menos favorecidas, bem como da sociedade de modo geral. Gramsci destaca que, a educação e, por consequência a escola através do currículo é aparelho ideológico de reprodução do modo de vida da classe dominante, o que já começa no seio da família e em outras instituições, mas que se sistematiza na escola,

[...] não apenas aparelho ideológico mas, principalmente, instrumento de hegemonia, um dos espaços da sociedade civil onde se opera a luta hegemônica. [...] A significação social da educação está em sua direta relação com as formas de organização da sociedade, ou seja, com a política. [...] A escola tem uma função sócio-política definida como organismo cultural a serviço dos grupos dirigentes a ela compete a elaboração dos diversos tipos de intelectuais (SAMPAIO, 2007, p.92).

A educação sistematizada e institucionalizada, para Gramsci, tem o papel de propagar e incutir nos indivíduos a ideologia vigente dominante e para garantir a participação de todos os indivíduos da sociedade a educação é tomada como meio para isso. Cabe também a educação, segundo o filósofo italiano, fazer a crítica dessa ideologia, pois, a ideologia dominante, historicamente está impregnada de elementos prejudiciais à autonomia do homem. O sentido marxista de ideologia é definido por representações e valores determinados por grupos hegemônicos da sociedade, a ideologia da classe dominante, longe de levar o indivíduo à libertação bem como a construção de sua autonomia, levam antes de tudo à opressão de uns pelos outros.

Por esse motivo, a educação, de um modo geral e, conseqüentemente a escola necessitam investir na construção de uma contra ideologia. Ou seja, cabe a educação fazer uma crítica a aqueles elementos postos pela ideologia dominante que são prejudiciais e contraproducentes, que não permitem que os indivíduos se realizem como seres autônomos e os oprimem.

Para Gramsci, [...], a formulação de uma proposta para a educação que integre um programa político em direção à igualdade social é referência para a crítica às desigualdades produzidas pelo sistema capitalista e que se exprimem nas diversas instâncias da sociedade e da cultura, como também na escola. Refere-se à luta pela unificação do ser humano como possibilidade de realização, como devir (DORE, 2006, 332)

Partindo dessa perspectiva, podemos pensar qual a concepção para nós enquanto educadores e pensadores dos processos educativos? Qual é o papel da escola dentro desse processo? É comum ouvir o discurso de que “a família educa e a escola ensina”, porém, ao nos inserirmos no âmbito educacional, podemos perceber, baseando-nos em alguns teóricos que, essa distinção não condiz com a realidade. O processo educativo é uma totalidade e como tal não pode se dar de forma isolada, dentro desse processo, níveis, graus e aspectos podem ser definidos a fim de analisarmos mais de perto e em suas particularidades, mas não são separados de uma totalidade.

Um ponto importante a ser destacado aqui, é que não somos livres para escolher que tipo de educação queremos ou teremos, tendo em vista que desde o momento em que nascemos somos influenciados pelo meio em que vivemos através da família, Igreja e não menos influenciador, a escola. Somos educados por “ideias e comportamentos que ultrapassam nossa consciência das coisas” (PAVIANI, 1991, p. 11). A vida e a educação se misturam uma vez que esta faz parte daquela em todas as esferas de nossas vidas. Nesse sentido,

A educação, o ensino e a aprendizagem, no plano concreto, não acontece de modo isolado, anterior ou posterior aos demais fenômenos, como o econômico, o social, o cultural, etc. Vida e educação se entrelaçam, se fundem, se confundem. Ao dividir a realidade em estratos, estamos apenas usando um recurso intelectual que visa a explicitar melhor os fenômenos (PAVIANI, 1991, p. 22).

A educação, assim como os bens culturais produzidos pela humanidade, passa de geração para geração, e ela está inserida em todos os âmbitos das relações sociais, como dito acima, sendo que a escola é apenas uma dessas dimensões das instituições existentes nas sociedades. Nesse sentido

Situada concretamente no contexto das relações sociais, a educação é um aspecto necessário à organização da vida estatal; é uma manifestação das relações de hegemonia que perpassam a vida coletiva [...] A educação é um aspecto essencial à organização da vida social, atua não apenas no nível de constituição das representações do mundo, mas também (com igual relevo) na produção material da existência coletiva, na medida em que é expressão das exigências situadas na dimensão político-econômica (SAMPAIO, 2007, p. 91).

Assim, a escola é um instrumento por meio do qual, através de um programa pedagógico, o Estado busca a qualificação de vários tipos de profissionais com vistas a atender as necessidades surgidas com o desenvolvimento técnico-científico, bem como, e principalmente às exigências postas pelo mundo do trabalho. A escola não é somente aparelho ideológico, mas também, instrumento de hegemonia (SAMPAIO, 2017 p. 92). O Estado é incumbido, em grande parte, da educação das classes mais pobres da sociedade, e assim, a ideologia transmitida nas escolas reservadas ao acolhimento desses indivíduos é a ideologia de quem domina tal Estado.

Faz-se indispensável destacar que o aparato escolar desenvolvido pelo modo de produção capitalista se configura ideologicamente não só em função dos componentes explicitamente ideológicos que abrange, mas antes por que se cria e se consolida num marco de cisão onde a alienação da mão de obra (força de trabalho) é um fato a ser naturalmente incentivado e preservado. A educação não se produz apenas no seio das disciplinas “não uteis” que possam ser divididas nas matérias chamadas humanísticas, mas, principalmente, na organização de todo o sistema.

A emancipação, tão destacada por autores marxistas que tratam do tema educação, sua condição de classe oprimida e sua libertação do jugo das classes opressoras só poderia se dar, quando tal emancipação alcançasse todos os níveis da vida dos indivíduos, entre eles o da consciência. Desse modo “somente a educação, a ciência e a extensão do conhecimento, o desenvolvimento da razão, pode conseguir tal objetivo” (MARX e ENGELS, 1983, p. 3).

Para Marx, a educação era parte importante da superestrutura de controle utilizada pelas classes dominantes. Por isso, ao aceitar as ideias passadas pela escola, a classe dos trabalhadores cria uma falsa consciência, que a impede de compreender os interesses de sua classe. A divisão do trabalho, simétrica ao processo de fundação do modo de produção capitalista, é a linha sobre a qual Marx e Engels fazem suas colocações sobre o tema educação e ensino. Os autores fazem uma divisão radical entre os tipos de aprendizagem e os tipos de atividades, demorando-se em uma divisão social e técnica que interfere no progresso do indivíduo e institui, como salienta Moraes (1983 p. 4), o ponto chave desse arranjo em que se estabelece a exploração dos trabalhadores.

Assim, um olhar para a escola como formadora de indivíduos emancipados, a educação é, o modo pelo qual a sociedade capitalista inculca, estabelece e reproduz seu estilo de vida, não só a massa de trabalhadores, mas, a todos os indivíduos das classes sociais que formam tal sociedade.

A escola tem o poder de reproduzir, o sistema dominante, não só ideologicamente, mas também no âmbito produtivo, técnico e intelectual. Por meio da educação a sociedade se ajusta as condições de existência e de convívio entre indivíduos, gerando de tal modo, as novas gerações e modelando a sociedade.

Desse modo, podemos dizer que, partindo da educação o indivíduo se faz obra da sociedade e por consequência e esta, obra daquele. Em seu livro, *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, na Introdução, Marx evidencia que: “o homem não é um ser abstrato, acorrido fora do mundo. O homem é, de fato, o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade” (2010, p.30). Assim, o homem é, segundo aquele filósofo alemão, um ser consciente que sobrepuja os limites de sua constituição natural, pois, como o homem não é imitável, constitui-se através do trabalho e da educação assimilando todo o conhecimento produzido pela humanidade. Não podemos esquecer que, a categoria “trabalho” é o ponto ontológico e central dos escritos de Marx e Engels. É nessa categoria que, independente das circunstâncias históricas, se dá o processo de formação humana e consequentemente o processo educativo, uma vez que, não se pode desassociar educação de trabalho nem mesmo da vida cotidiana dos indivíduos em sociedade.

O trabalho é também, meio para investigar a classe burguesa e seus interesses quanto a formação dos indivíduos, enquanto trabalhadores, da sociedade, visto que essa classe institui os direitos e deveres dos membros de toda a comunidade em que está introduzida. O indivíduo é, consequentemente, um produto da sociedade, e também a produz, co-criador de si e dos meios sociais. Em uma sociedade baseada no capitalismo, que a intenção clara apenas no lucro, os indivíduos devem ser capacitados para estarem em conformidade com o que essa sociedade demanda. Assim, a educação deve ser voltada para o isolamento de cada indivíduo. Marx e Engels, procuram escapar de colocações abstratas no que diz respeito a educação, pois, quando tratam do tema em seus escritos, fica claro que estão preocupados com a educação da classe proletária. Sendo o trabalho a atividade vital do homem, este participa de uma interatividade social, não é o indivíduo isolado em si pregado pelo neoliberalismo, pois é no trabalho que o homem evidencia sua diferença em relação ao animal.

O homem, para Marx, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, faz da sua atividade vital propriamente objeto de sua vontade consciente, produzindo assim, a si mesmo, ao outro homem e a sociedade:

O homem produz o homem, a si mesmo e ao outro homem; assim como [produz] o objeto, que é o acionamento (Beätigung) imediato da sua individualidade e ao mesmo tempo a sua própria existência para o outro homem, [para] a existência deste, e a existência deste para ele. [...] O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela também não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros – é por isso uma externalização e confirmação da *vida social* (MARX, 2010, p. 106-107, Grifos do autor).

A situação que lhes interessa, como dissemos, é a dos trabalhadores, o modelo que pensam é o de uma estrutura onde os trabalhadores tenham a hegemonia, onde desapareça a divisão do trabalho que é uma das premissas para a separação do indivíduo de si e dos outros, possa desaparecer trazendo assim mais autonomia ao indivíduo. A crítica feita por Marx em relação a educação está baseada no fato de que o capital se apropria da força de trabalho dos indivíduos, que gera lucro por meio da mais-valia, por conseguinte, toda força de trabalho deve estar em condições de garantir a geração destes lucros. Este estar em condições de gerar lucros é estabelecido pela qualificação por meio do ensino adequado.

O sistema de ensino é entendido assim como uma concreta qualificação da força de trabalho que alcançará seu aproveitamento máximo se conseguir também o ajuste e a integração dos indivíduos no sistema – única maneira de não desperdiçar sua força de trabalho, mas sim, aproveitá-la. Dito de outra forma: reproduz o sistema dominante tanto a nível ideológico quanto técnico e produtivo (MORAES, 1983, p.7).

A qualificação da mão de obra enquanto força de trabalho é encaminhada para o sistema de produção, o que já é inculcada e superposta explicitamente nos primeiros níveis do sistema escolar, os quais são atacados duramente por Marx e Engels, pois, desde a infância, a formação da força de trabalho não deixa que nada de próprio sobra ao indivíduo. A partir da escola, o homem aliena-se de si e dos outros, e instigado desde a infância a ser competitivo e dar o melhor de si, muitas vezes em tarefas mecânicas e sem muito espaço para pensar. Tal educação aparta o indivíduo de si mesmo.

Encarar o indivíduo como parte de uma sociedade é reconhecer que ele é parte fundadora de seus próprios meios de existência e da sociedade em que vive. Considerando que isso se dá através da educação, na III Tese sobre Feuerbach, fica evidente o pensamento de Marx e Engels (2007, p.537-538) sobre o tema:

A doutrina materialista de que os homens são produto das circunstâncias e da educação, de que os homens modificados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador tem que ser educado.

Diversas maneiras de idealizar a educação e seus processos educativos, supõem diferentes modos de representar o homem no mundo. Por isso compreender uma teoria educacional demanda uma apreensão dialética das relações entre as ideias e a realidade que aí está posta, entre aquele que educa e o que é educado. O homem pode ser encarado como “produto das circunstâncias” e por conseguinte da educação que recebe, tais circunstâncias são também, como afirma Marx, moldadas e diante disso, não só o educando precisa ser educado (PAVIANI, 1991, p. 23).

Para que, a educação seja de fato uma forma de a emancipação do homem, o primeiro passo, como Marx e Engels já destacam as medidas para a transformação da sociedade, no *Manifesto comunista*, entre elas, educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje, combinação da educação com a produção material, etc (MARX e ENGELS, 2010, p. 58).

Por tanto, podemos trazer à tona o questionamento de como pensar a prática por meio da teoria. O educador é quem, tem a possibilidade de lançar luz aos educandos, de fazer com que estes despertem para o processo educativo de forma crítica e não alienada. Para tanto, é preciso que possa haver uma transformação da escola e do próprio processo educativo, com a possibilidade de o educador refletir suas práticas e possibilitar a libertação dos estudantes do jugo de uma sociedade opressora e que desumaniza o homem.

Assim, não podemos ter a ilusão de que a educação seja, por si só, capaz de transformar o mundo, porém, há para os educadores, enquanto não se realiza a ação revolucionária esperada pelos marxistas, como por exemplo, a luta pela universalização e democratização do ensino bem como pela escola não dualista, ou seja, em que não haja diferença entre formar e profissionalizar; a valorização não só do pensar mas disto aliado ao fazer, onde estes estejam voltados para a transformação do mundo; a desmistificação da alienação e da ideologia, conscientizando a classe oprimida frente a ideologia da classe dominante.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação, o ensino e a aprendizagem bem como a escola não são sistemas isolados ou autossuficientes, ao contrário, são construções culturais organizadas pelos modos de produção, de modo geral, pelos interesses não apenas sociais, mas também pessoais e individuais.

Desse modo, é importante que, se pense numa educação voltada para a formação dos indivíduos de forma a emancipá-los das condições subalternas e de alienação em que vivem. É possível, através de uma ação transformadora e de uma conscientização da massa trabalhadora. Nos escritos sobre educação não só de Marx e Engels, mas de autores marxistas como Gramsci, podemos perceber a intensão de dar aos indivíduos as condições necessárias para que estes possam evoluir do estado de subalternos para uma superação de classes.

Assim, fica claro a preocupação de Marx não só com o indivíduo, mas também com sua formação para que este possa reproduzir não uma ideologia que aliena e transforma o homem em mera peça de um maquinário ou uma célula de um sistema de produção. A preocupação de Marx é a luta pela transformação, contra o caráter ideológico que possui a estrutura do sistema capitalista. A relação entre divisão do trabalho e a educação não é uma mera proximidade, tampouco uma simples consequência, é uma articulação profunda que explica com toda clareza os processos educativos e manifesta os pontos em que é necessário pressionar para conseguir sua transformação, alcançando, a partir daí, não só uma emancipação social, mas também, e de forma especial, a emancipação humana. O indivíduo para Marx não é mera peça, é o criador da sociedade e como tal deve ter consciência de si para lutar por um mundo melhor.

## **ABSTRACT**

This article aims to discuss in an introductory way, the conception of education in the thought of Karl Marx and Friedrich Engels, as well as to present educational processes developed by mankind and which, generate the alienation of the Subaltern classes. Therefore, education is at the service of the classes that hold the power of capital. Marx and Engels did not develop any specific writing aimed at education, but it is possible to observe their concern about the theme throughout their work. The most important point is to remember that, education has undergone several changes through time, as well as men, educational processes and the school has changed, transformed to suit not only the time, but also the image of man that each historical period Needed. To this end, we have developed here a brief history of education and its processes for the formation of man, besides the school institution as a way to emancipate this man so that he has a truly full and focused development Transform society into a better place. The school did not escape the criticism of Marxist thinkers or Marx himself and of utopian socialists. The school is seen, for these authors as a form of reproduction of the way of life of the bourgeoisie that is, after all, who dominates the means of production, not only materials, but also intellectuals, since it determines the curriculum and the activities developed in this institution. The worker, is, the focus of Marx's writings on education and teaching, so it is impossible to separate the training of the worker from the formation of the citizen, because these are one. In this sense, we seek to demonstrate that, Marx's concern as well as other authors who follow his thinking, is that man becomes emancipated in all aspects of their lives. To this end, we seek to demonstrate that changes in education are part of the development process of societies and that it is possible to make this the tool whereby individuals can transform the capitalist bourgeois society based on Selfishness and exploitation of the weakest, in an egalitarian society, of self-conscious individuals, emancipated and able to fight for a better world.

Keywords: Marxism. Education. Educational processes. Emancipation.

#### 4. REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria L. de Arruda; MARTINS, Maria H. Pires. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2009.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: editora UNESP, 1999.
- DORE, Rosemary. **Gramsci e o debate sobre a escola pública no Brasil**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 329-352, set/dez. 2006.
- PAVIANI, Jayme. **Problemas de Filosofia da Educação**. Petrópolis: Vozes. 1991.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel**. Introdução. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX e ENGELS. **Textos Sobre Educação e Ensino**. São Paulo: Moraes, 1983.
- MOCHCOVITCH, Luana Galano. **Gramsci e a Escola**. 3ªed. São Paulo: Ática, 1992.
- MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Tradução: Paolo Nosella. Recife: Massagana, 2010.
- SAMPAIO, Wilson Correia. **Gramsci: política e educação**. Maceió: EDUFAL, 2007.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2011.